

6.

Considerações finais

*“O machismo, tanto nos homens como nas mulheres,
não é mais que a usurpação do direito alheio. Simples assim.”*

Gabriel Garcia Márquez

Este estudo buscou compreender as relações entre homens e mulheres contemporâneos dentro de um foco específico: a divisão de tarefas domésticas e o compartilhamento parental. Escolheu-se a vida privada, pois as leituras de diversos estudos, pesquisas e artigos da área de família e casal, demonstraram que é especificamente nesse âmbito que as mudanças nos papéis de gênero vêm transcorrendo mais lentamente.

Os casais escolhidos como objeto de pesquisa pertencem à categoria profissional dos aeronautas, atividade ligada à aviação comercial, cujos horários de trabalho fora do padrão atendem a uma demanda típica da pós modernidade: um serviço que opera em sistema de 24h. Por conta deste fator, o contexto laboral dessas pessoas, que é desempenhado em turnos alternantes, com viagens continentais ou intercontinentais, é considerado bastante peculiar. Talvez se possa retomar a afirmação de Presser (1994) a respeito do fato de casais em que os dois cônjuges trabalham em horários não normativos se constituem num subgrupo raro, para supor que este seja um dos motivos que justifica a escassez de produção científica sobre esta população.

O título desta dissertação faz referência ao termo decolagem, que significa descolar, desprender-se. Esses profissionais da aviação comercial experimentam cotidianamente um descolamento de seu ambiente familiar, ou seja, um afastamento constante do lar. É no ato da decolagem que isto efetivamente acontece. De(s)colar de casa também é uma referência à discussão que se efetua neste estudo e que é retomada mais à frente, sobre a possibilidade de se descolar o papel da dona-de-casa da identidade feminina.

Foi observado no discurso dos entrevistados a modernidade e o conservadorismo das percepções e práticas na divisão das responsabilidades e tarefas domésticas. Esta mescla de ideologias presente nos comportamentos dos casais de aeronautas é consonante com o que se encontrou na literatura em relação

a casais de outras categorias profissionais. Algumas questões-chave permearam este trabalho, favorecendo que tais observações viessem à tona. São elas: como as relações de gênero (nesse subgrupo) interferem na dinâmica da conjugalidade e do exercício da parentalidade? Em que medida o contexto peculiar das atividades desses profissionais influencia as práticas e as percepções acerca dessas dinâmicas? Qual o lugar reservado à mulher nessa conciliação da vida doméstica com o trabalho? Qual o envolvimento dos homens com o mundo doméstico e o cuidado com os filhos?

Embora essas aeronautas trabalhem no mesmo contexto profissional e com carga horária de trabalho similar a de seus maridos, três delas se envolvem mais com as atividades domésticas e o cuidado com os filhos, despendendo nitidamente mais tempo com estas atividades do que eles. No entanto, somente uma das mulheres se queixou, apontando a falta de iniciativa do marido. Em linhas gerais, nenhum dos entrevistados pareceu perceber a questão da divisão dos trabalhos domésticos como um problema. Todas as respostas, tanto masculinas quanto femininas, foram unânimes em relação a um aspecto: são *elas* as principais responsáveis por levar os filhos ao médico.

Um dos homens mostrou-se bastante envolvido com as lidas domésticas, demonstrando uma intimidade histórica (desde quando morava com sua família de origem participava em casa), no entanto, assim como os demais, se posiciona como coadjuvante nesta parceria. Todos eles se dedicam mais aos filhos do que aos afazeres domésticos: um dos participantes dedica-se mais ao brincar e fazer pesquisas no computador com eles; dois envolvem-se bastante com os cuidados gerais; o mais jovem, que está com bebê, só cuida inteiramente deste quando nenhuma das mulheres está presente (esposa ou a sogra). A vida conjugal de todos os casais desta pesquisa é deixada em segundo plano em prol dos filhos.

Não pareceu ocorrer entre os casais, uma negociação que pudesse ser considerada fruto de diálogos a respeito dos compartilhamentos domésticos e o cuidado com os filhos. Os arranjos pretendem ser “espontâneos” e não burocratizados, o que leva a crer que suas estratégias são regidas pelas ideologias de gênero.

Chamou a atenção o fato de não ter sido levantado um questionamento sequer por parte de nenhum dos cônjuges a respeito dos arranjos estabelecidos

pelo casal; ou em relação à empresa, quanto à participação desta no sentido de favorecer a conciliação trabalho/vida familiar. Todos pareceram muito conformados com as renúncias; com o pouco tempo para a vivência da conjugalidade ou para si; com o cotidiano corrido; com as dificuldades impostas pelas conciliações trabalho e família. Uma das entrevistadas emocionou-se (um misto de raiva e tristeza) ao perceber a parte que lhe cabia no compartilhamento parental; um dos entrevistados incentivou, sem muita ênfase, que a mulher retomasse os estudos; uma das entrevistadas (fisioterapeuta formada, mãe de um bebê e trabalhando na ponte aérea) interessou-se em saber sobre o percurso profissional da pesquisadora. Estas manifestações foram breves, mas pareceram apontar para outras questões que não foram abordadas na entrevista. Diante da pesquisadora procuraram demonstrar que seus arranjos eram o melhor que poderiam fazer.

Cabe assinalar que este trabalho de turnos alternantes desorganiza o cotidiano dos casais que buscam soluções tradicionais e individualizadas para equacionar o problema: por exemplo, três mulheres participantes da entrevista optaram por trabalhar na ponte aérea para, com isto, assegurar sua presença diária com os filhos; dos quatro homens entrevistados, somente um optou pelo mesmo sistema e pelo mesmo motivo. Se, por um lado, esta opção promove a aproximação com os filhos, por outro reduz o salário do trabalhador, além de eliminar o benefício das viagens que os voos nacionais ou internacionais promovem.

Um fenômeno curioso acontece: os homens se sentem desobrigados a prestar ajuda quando entra em cena alguma das integrantes da rede de apoio; entendem que o terreno de ação no cuidado com os filhos e/ou da casa é um poderio feminino, mas não conseguem (ou não querem) furar o cerco. As mulheres, por sua vez, alternam seu posicionamento na casa, ora são coordenadoras, ora são auxiliares ou ainda substitutas das empregadas, conciliando suas folgas com as destas.

O casamento e os filhos não são impedimentos para o exercício do trabalho remunerado para nenhum dos integrantes da díade. São, na verdade, complicadores de maior peso para as mulheres e são elas que fazem movimentos concretos para efetivar mudanças conciliatórias entre a vida profissional e

familiar. A postura destas mulheres contribui em grande medida para a permanência da associação existente entre a função de cuidar da casa e dos filhos com a de um papel prioritariamente feminino.

Compartilha-se aqui da ideia de que a multiplicidade de formas de convivência familiar e conjugal representa a expressão de um processo de democratização. Sendo assim, mereceu atenção especial buscar compreender as relações de gênero, as ideologias que permeiam os comportamentos e os arranjos matrimoniais resultantes da interação com o trabalho. Com exceção de um casal, os participantes desta pesquisa, estão em seu primeiro casamento com filhos desta união, configurando assim um formato mais tradicional. A modalidade de duplo trabalho (ambos comissários) ocorre em três dos casais, sendo que num destes, o homem é também *personal trainer* em educação física e está se preparando para ser piloto; o quarto casal, o marido é piloto e também advogado; logo estes dois últimos casos tornam-se inclassificáveis diante do critério adotado. As quatro mulheres exercem somente o trabalho de comissárias. A tentativa de classificação esbarra na dificuldade de abarcar as diversidades de arranjos matrimoniais existentes.

Não foi propósito deste trabalho afirmar que a equação da problemática vivida pelos casais participantes da pesquisa caberia somente a eles resolver. Entende-se que seria um equívoco empobrecedor limitar a realidade cotidiana dessas pessoas ao âmbito privado e portanto procurou-se chamar a atenção para a parte que cabe às políticas sociais e ao fato de que todos podem ser agentes no processo de transformação (a empresa, inclusive, no caso destes profissionais). Badinter afirma (2005:170) que as creches suplementares e melhores possibilidades de cuidado com os filhos a domicílio contribuem mais para a igualdade entre os sexos do que todos os discursos sobre a paridade, incluindo aqui a licença-paternidade. Esta última, segundo a autora, marca simbolicamente o fato de que a conciliação entre vida profissional e vida familiar não diz respeito unicamente à mãe. No Brasil, a licença-paternidade de apenas cinco dias, talvez transmita a mensagem de que esta conciliação diz respeito *essencialmente* à mãe. Cinco dias são “suficientes” para que um marido traga sua esposa do hospital para casa e corra imediatamente para o mundo do trabalho onde é o seu “devido lugar”.

A aprovação do projeto de lei que amplia esta licença para quinze dias não modifica muito esta realidade.

Outro aspecto que se procurou registrar e compreender aqui foi o da adesão visceral das mulheres ao seu papel social de dona-de-casa e como esta figura é uma forte referência que ainda persiste no imaginário social. A partir deste entendimento passou-se a pensar que talvez seja um momento de buscar novas referências e redesenhar o cenário atual favorecendo um distanciamento entre a mulher e o papel historicamente construído de dona-de-casa, para permitir assim descolá-lo da identidade feminina. Mulheres *descoladas* poderiam se constituir numa nova referência e proposta de postura pós moderna, talvez um novo slogan libertário: sem desvalorizar o que foi construído historicamente, e transmitido através de gerações, mas propondo um maior (e genuíno) desengajamento do mundo doméstico. A ideia é que se democratize este papel social tornando-o realmente opcional para as mulheres de todos os segmentos sociais. Ora, embora num primeiro momento pareça utópico pensar desta forma, vale lembrar que às vezes uma utopia foge da gaiola como afirma Oliveira (2003:30). Se as insatisfações forem levadas a sério por quem as experimenta no cotidiano, certamente poderão ganhar corpo e se constituir em demandas no espaço público.

Desengajar-se, neste contexto, teria o propósito de desvincular mais concretamente o mundo doméstico de um território tradicionalmente conhecido como feminino colocando-o à disposição de qualquer membro da família capacitado para atuar nele. Em suma: dessexualizar as competências domésticas, promovendo desta forma a indiferenciação dos papéis nesta área específica. Uma possibilidade que, se acredita, possa abrir espaço para a melhoria da qualidade conjugal; para o exercício de um compartilhamento parental mais democrático; e um aumento acentuado nas chances de ascensão na carreira profissional para as mulheres que assim o desejarem.

Alguns ajustes finos nos posicionamentos não somente femininos quanto masculinos podem ser bem-vindos e necessários, em face de um tempo onde impera a pluralidade de configurações familiares e comportamentos. A práxis destes comportamentos precisa ficar mais condizente com os discursos sociais igualitários a respeito das relações de gênero. Simone de Beauvoir (1995:264) já dizia que só um trabalho autônomo poderia assegurar à mulher uma autonomia

autêntica e, embora apostasse no benefício libertador que o trabalho traria às mulheres, já sabia que este não seria suficiente. A autora reconhecia o peso das prescrições culturais e das normas sociais, da dependência interiorizada das mulheres e da dificuldade destas de se apoiarem em si mesmas. Muitas de suas observações ainda se mantêm atualizadas:

Há mulheres que encontram em sua profissão uma independência verdadeira; mas são numerosas aquelas para quem o trabalho “fora de casa” não representa, no quadro do casamento, senão uma fadiga a mais. Aliás, amiúde, o nascimento de um filho as obriga a confinarem-se em seu papel de matronas; é atualmente muito difícil conciliar trabalho com maternidade.

Hoje as ideologias de gênero tradicionais e igualitárias se mesclam e, em dosagens diferentes, regem os comportamentos de homens, mulheres e sociedades. Durante o desenvolvimento desta dissertação foi possível observar a força dessas ideologias arraigadas no subgrupo entrevistado.

A presença de homens e mulheres trabalhando lado a lado nos mais diversos setores produtivos não eliminou totalmente as desigualdades existentes entre os sexos, principalmente na vida privada, mesmo com a saída das mulheres para a vida pública. O cenário apresenta mulheres sobrecarregadas com a conciliação do triângulo trabalho-família-casa e que perdem um bem precioso e irrecuperável que é o tempo. Muitas se impõem um ritmo frenético no seu dia-a-dia, não abrem mão do compartilhamento das tarefas domésticas, perdendo, assim, a dimensão exata do alcance dos seus braços e da elasticidade de seu tempo: pensam que driblam alguma coisa quando, na verdade, caíram na armadilha capenga de uma igualdade ambivalente. Estão sós, na sua maioria, limitadas ao micro universo de suas famílias, sem uma consciência de que sua problemática é a de outros tantos milhões de mulheres mundo afora. Certamente também há muitas mulheres inquietas e engajadas e que fazem o mundo se movimentar. Talvez uma revisão de certas posturas femininas mais passivas, acomodadas, alienadas e queixosas, favoreça a construção de novos modos de conduta menos presos a estereótipos de gênero.

Há homens mais cooperativos, menos machistas e mais sensivelmente solidários às suas mulheres e filhos, mas, pelo que demonstram as pesquisas, grande parte dos homens se sentem menos incomodados com a questão da divisão das tarefas domésticas e, portanto menos focados em efetivar mudanças.

Restou a impressão, diante dos relatos das mulheres entrevistadas, de que elas conquistaram um trabalho, mas não uma autonomia. Com isto ficou uma questão que não foi abordada e que surgiu *a posteriori*: será que intimidade e autonomia são sentidas como inconciliáveis? Essas mulheres abrem mão da autonomia em nome da intimidade? E se é isto que fazem, o que as move nesta direção?

Defende-se aqui a ideia de que, enquanto homens e mulheres estiverem pouco conscientes a respeito das ideologias de gênero que regem seus comportamentos, o prato da balança continuará desequilibrado, pesando mais para um dos lados: seja com mulheres sobrecarregadas ou com homens trocando de papéis com estas e, assim, colaborando para a manutenção da dupla jornada.

As conciliações entre trabalho e família demandam atenção especial por parte de todos os envolvidos: mulheres, homens, pesquisadores, empresários e o Estado. Acredita-se que uma verdadeira aproximação entre o discurso igualitário, herdeiro de posturas mais democráticas e uma práxis que refere os papéis de gênero contemporâneos favoreça o processo de transformação das sociedades, em especial, o do Brasil. Nesta transformação estaria embutida uma verdadeira compreensão e apoio pelo desejo de realização profissional das mulheres, pelo papel do pai mais envolvido com o mundo familiar, assim como uma intensa revisão das instituições e políticas que atendam às novas necessidades que os papéis de homens e mulheres contemporâneos exigem. Neste sentido, compartilha-se da noção de que só assim se estará realizando uma sincronia com o ritmo das transformações sociais que variam no tempo e no espaço e que precisam ser consideradas.